



Processos enunciativos e corporalidade de Patrícia Poeta na cobertura do Movimento “Passe Livre”

*Amanda Falcão Evangelista¹
Virgínia Sá Barreto²*

Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Resumo

O estudo sobre o corpo e seus processos de significação, assim como as operações discursivas, é relevante para as investigações em telejornalismo na medida em que os produtos da ambiência televisiva e jornalística podem agregar sentidos ao sujeito enunciador como um todo. Assim, a investigação do corpo e do discurso torna-se ainda mais relevante quando faz parte de uma cobertura jornalística densa e pautada por um acontecimento impactante, a exemplo do Movimento “Passe Livre”, ocorrido em quase todos os estados do Brasil. Neste contexto, analisaremos aqui o discurso e os significados do corpo televisivo, em especial o de Patrícia Poeta, durante a edição do Jornal Nacional do dia 17 de junho, momento em que o noticiário trouxe um editorial em defesa da emissora que passou a ser alvo de críticas na internet e nas ruas, sendo esta julgada pelos manifestantes como “manipuladora” da informação.

Palavras-chave: Processos de Significação. Corpo Televisivo. Patrícia Poeta. Movimento “Passe Livre”. Jornal Nacional.

Abstract

The study of the body and this processes of meaning, as well as the discursive operations, is relevant to the investigation in TV journalism in the context of the products ambience

¹ Jornalista e mestranda do Programa de Mestrado em Jornalismo Profissional da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: amanda.falcoa@gmail.com

² Doutora em Ciências da Comunicação pela Unisinos; Professora do Mestrado Profissional em Jornalismo da UFPB; Coordenadora na UFPB da Rede AMLAT/PROSUL/Unisinos; Autora do livro "Comunidades Simbólicas: Identificação imaginária, pactos e vínculos em telejornalismo". E-mail: virginiabarreto@yahoo.com.br

television and journalistic may add meanings to the subject enunciator as a whole. So, the investigation of the body and the discursive becomes even more relevant when it is part of a dense coverage and guided by a shocking event, such as the movement “Passe Livre”, occurred in almost all states of Brazil. In this contest, we’ll analyze here the discourse and the meaning of television’s body, in particular of the Patrícia Poeta, during the edition of the Jornal Nacional of the day June 17, when the news brought an editorial in defense of the station that became the target of criticism on the Internet and on the streets, being judged by the protesters as "manipulative" of the information.

Keywords: Processes of Meaning. Body Television. Patrícia Poeta. Moviment “Passe Livre”. Jornal Nacional.

1. Introdução

Vivemos em dias no qual, como diz Fausto Neto (2012, p.260), o jornalista assume um papel importante de dispositivo de operação de sentidos. A expressividade corporal, através de técnicas de atorização, e os fragmentos das operações discursivas tornam-se elementos importantes para a composição do “modo de dizer” jornalístico, criando um enunciado ainda maior que o próprio texto em si.

No jornalismo televisivo, repórteres e apresentadores agregam ao cargo de mediadores de informações o ofício de ator. Diferente de outras plataformas, o profissional da comunicação televisiva tem a liberdade de personificar a notícia, através de imagens, falas (discurso), gestos, entonações, e até mesmo as cores que compõem o cenário e as vestimentas. Para Marcondes Filho (1988, p.43):

No começo da televisão brasileira, no início dos anos 50, o que se fazia era um rádio televisionado, pois a TV ainda não havia conquistado sua linguagem. A influência do circo sobre a TV brasileira é vista não apenas pela presença dos palhaços ou do homem do auditório, mas também pelo estilo circense de alguns animadores, como Chacrinha, Silvio Santos, Bolinha.

O “DNA” que a TV carrega pode explicar a busca pela atuação, mesmo fora das novelas. Na década de 50, ao trazer a primeira emissora de televisão para o Brasil, a Rede Tupi de São Paulo (PRF-3), Assis Chateaubriand, então dono de uma rede de jornais e emissoras de rádio chamada de Diário dos Associados (constituído por cinco emissoras de rádio, 12 jornais e uma revista), convidou alguns de seus funcionários da rádio para se aventurarem no novo meio. A locução e o poder de improviso foram alguns dos elementos que fizeram com que os jornalistas se saíssem bem na empreitada. Mas, acostumados com a ausência de imagens, os profissionais não tinham noção de movimentos e espaço, algo que só foi mudando com o tempo.

Contudo, nem sempre os olhares mais críticos estavam voltados o corpo. Só após alguns anos o entorno físico foi ganhando relevância. Santaella (2004, p. 80) acredita que o surgimento da videoarte e das videoinstalações, nos anos 70, impulsionou a atração da arte pelo corpo humano.

Hoje, diante de tecnologias que possibilitam interação e alta qualidade da imagem, os jornalistas continuam se redescobrimo. Presenciamos a era de decadência do *teleprompter*. Cada vez mais, assim como os atores, os jornalistas precisam entender seu texto, saber “o que dizer” e “como dizer”, além de se preocupar com figurino adequado, impostação de voz e “driblar” os empecilhos da cobertura “ao vivo”.

O interesse pela performance dos atores não se constitui um abandono pelo trabalho dos meios jornalísticos em si. Pelo contrário, enseja a emergência de um complexificação do trabalho de produção de sentido realizado no âmbito da comunicação midiática, e na qual a atividade enunciativa dos atores, e suas próprias identidades, sofre mutações muito complexas. (FAUSTO NETO, 1988, p. 265)

Várias dessas mutações atuais decorrem com o advento da TV digital. Cenários, cores, maquiagens, e principalmente figurinos, pois “os corpos são socializados pelas roupas que vestem” (SANTAELLA, 2004, p. 121), estão sendo repensados no telejornalismo, assim como em telenovelas, filmes e comerciais. A ideia é simular o real com uma precisão ainda maior, pois se o telespectador não acreditar no que está vendo, também não receberá com confiança as informações absorvidas. É o que Santaella (2004, p.10), ao citar Ihde (2002),

classifica como terceira dimensão do corpo: a das relações tecnológicas, das simbioses entre o corpo e as tecnologias. Porém, para a autora, estes avanços tecnológicos, atrelados aos corpos, podem causar confusões sobre a delimitação da fronteira entre real e o fictício:

O que as novas tecnologias colocam em movimento, o que elas transformam são as “fronteiras do humano”. Essa transformação se revela sob vários pontos de vista: os limites que definem o que é propriamente humano e o que os diferencia dos não-humanos (natureza / artifício, orgânico / inorgânico); “os limites que o habitam e o constituem (matéria / espírito) e os limites que diferenciam a experiência imediata e suportada por sua corporeidade biológica, natural e territorial e a experiência mediada por artefatos tecnológicos (presença / ausência, real / simulacro, próximo / longínquo)”. (BRUNO, 1999, apud SANTAELLA, 2004, p. 29)

O que o mercado da comunicação procura é atenuar a fronteira entre o real e o simulacro, e se valer dos artifícios tecnológicos para assim, através do artificial, transportar uma veracidade. É o que acontece nos telejornais. O protagonismo noticioso, por mais teatral que seja, busca representar o real para informar, e mais que isso, instruir no público valores como: credibilidade, compromisso com a informação, idoneidade, etc. Mais do que nunca, o jornalista de TV precisa usar o recurso da atorização para cativar o público, e assim, ganhar fidedignidade.

O noticiário da atualidade constrói pequenas novelas diárias ou semanais cujos protagonistas são tipos de vida real absorvidos por uma narrativa que funciona como se fosse ficção. Programas jornalísticos na televisão desenvolvem-se como se fossem filmes – de ação, de suspense, de romance de horror. O telejornalismo disputa mercado não apenas com outros veículos informativos, mas também com opções de lazer. Precisa ser envolvente, divertido, leve, colorido, ou perde o público sedento de novas sensações. [...] A realidade que interessa, para um (jornalismo com base nos fatos) e para outro (entretenimento com base na ficção), é a realidade espetacular, uma realidade que se confecciona para seduzir e emocionar a platéia. (BUCCI, 2000, p. 142)

A composição do ator não se limita apenas ao físico. Tão ou mais importante que a estética na TV é saber o “que dizer” e “como dizer”. As operações enunciativas compõem as narrativas midiáticas e dão sentido à notícia. Uma entonação usada de forma incorreta pode trazer um significado totalmente diferente do que se pretendia. Não se pode noticiar uma enchente com ares de alegria, como quem informa que o Brasil goleou a seleção da Argentina na final da Copa do Mundo. O “tom” que se traz na notícia é um dos elementos primordiais na construção dos sentidos. Os jornalistas atuam como dispositivo de operação de sentidos (FAUSTO NETO, 2012). Os corpos jornalísticos dão sentido “ao que se quer dizer” e quais efeitos pretendem causar no telespectador.

Diante deste cenário, analisaremos aqui a corporeidade discursiva de Patrícia Poeta na edição do Jornal Nacional do dia 17 de junho, dia em que saiu em defesa da TV Globo, após a emissora ser alvo de crítica dos manifestantes que participavam do protesto do “Passe Livre” e que desaguou em outras reivindicações. As críticas se fundamentavam no discurso de que a mídia, em especial a TV Globo, apontava os manifestantes como vândalos e distorcia o caráter reivindicativo do movimento.

Além do editorial lido por Patrícia Poeta em defesa da Globo, abordaremos aqui também as primeiras informações do JN sobre as manifestações; a cobertura do JN do dia 17 de junho, fazendo um levantamento do que mudou no discurso do telejornal após as reivindicações do público, além do tempo destinado às manifestações; bem como o movimento “anti-globo” que se disseminou na internet e foi transportado para as ruas.

2. Tudo começou com 20 centavos

A primeira notícia que o Jornal Nacional exibiu sobre as manifestações foi ao ar no dia 10 de junho de 2013. O link ao vivo, feito pelo repórter André Trigueiro, durou pouco mais de um minuto e foi feito a bordo do “Globocop”, helicóptero da Rede Globo utilizado para a produção de imagens aéreas. Em sua fala, o repórter relatou a situação em uma das principais avenidas do Rio de Janeiro, a Presidente Vargas, que ficou interdita pelos manifestantes que depredaram algumas lojas.

A segunda notícia que o JN divulgou acerca das manifestações nas ruas só foi ao ar dois dias após a exibição da primeira divulgação, ou seja, no dia 12 de junho de 2013. A cabeça da matéria foi lida por Patrícia Poeta e se referia ao protesto no centro de São Paulo contra o aumento da tarifa do transporte público. O começo da matéria trouxe manifestantes com os rostos cobertos, gritando “a cidade é nossa” e cenas de um dos participantes pichando um ônibus. A ideia era trazer nos primeiros minutos o clima de “guerra civil” causado pela população.

[...] as parcelas de real não correspondem a seleções arbitrárias: é o que fica enquadrado, é o movimento das câmeras, é o trabalho de edição e sonoplastia, que determinam o que e como vai ser mostrado. Nessa perspectiva, está-se frente a uma construção de linguagens, não mais o real, mas a uma realidade discursiva. (DUARTE, 2007, p. 11)

Com detalhes, o repórter Fábio Turci informou que 85 (ênfase no número) ônibus, agências bancárias e a estação de metrô haviam sido danificados pelos manifestantes que foram adjetivados como vândalos (mais uma ênfase oral). “Uma *batalha* nas ruas”, “Nem os ônibus escaparam de um protesto que era pelo transporte público”, “A Avenida Paulista e o centro de São Paulo amanheceram assim, com as marcas do *vandalismo* de ontem a noite”, foram algumas das expressões usadas pelo jornalista para caracterizar o clima encontrado na manifestação. As palavras em destaque foram as mesmas que tiveram ênfase na fala do repórter. Para reforçar o “pesadelo” que foi o movimento, Fábio Turci gravou depoimentos de civis que não participavam da manifestação, mas que passavam pelo local na hora do acontecimento.

Sonora - Entrevistado 1

“Milhares de pessoas estão voltando do trabalho, depois de um dia cansativo, em baixo de chuva, e passar por esse pânico. Eu tô aqui sem saber pra onde vou correr.”

Sonora - Entrevistado 2

“Não dava pra ir pra frente, nem pra trás. Fiquei preso aqui.”

Indignação, tristeza, revolta, foram alguns dos sentimentos expostos através das entrevistas concedidas pelos cidadãos que não participavam do protesto contra o aumento das tarifas.

Na mesma reportagem, o repórter ouviu autoridades, como: Ministério Público, prefeito e governador de São Paulo, além da OAB. Em entrevista, todos repudiaram os atos de vandalismo.

OFF- Fábio Turci

“Hoje em Paris, o prefeito de São Paulo e o governador *condenaram* o vandalismo.”

Sonora -Geraldo Alckmin(Governador de SP)

“[...] Precisa ser investigado pra identificar a origem disso [dos atos de vandalismo], e devem *ressarcir* ao erário público, pois isso é patrimônio de todos.”

OFF- Fábio Turci (Repórter)

“Para a OAB, o que aconteceu ontem em São Paulo *passou dos limites*.”

Sonora -Marcos da Costa (Presidente OAB)

“As pessoas se reúnem para mostrar uma indignação, no caso do aumento de ônibus. Agora, tem um limite. Então, quando o movimento passa a violar patrimônios [...] ou prejudicar os direitos de ir e vir das pessoas, ele ultrapassou os limites dele.”

Santaella (2004, p.19) lembra que, em uma de suas obras, Foucault arrematou a ideia de que o corpo não só recebe sentido pelo discurso, mas é inteiramente constituído pelo discurso. E é justamente o “modo de dizer” que constitui o contorno do noticiário, influenciando inclusive na composição do gênero jornalístico.

A seleção do(s) plano(s) da realidade sobre o(s) qual (is) se vai (vão) operar, aliada ao regime de crença proposto e ao tom, isto é, às inflexões conferidas à realidade a ser enunciada – seriedade, humor, ironia – etc., seriam os elementos definidores da

promessa que fala Jost (2003), veiculada pelo nome gênero. (DUARTE, 2007, p. 14-15)

O tom que se dá ao enunciado é carregado de significados, que são os responsáveis por dar sentido ao discurso.

Em nenhum momento da matéria em questão foram ouvidos líderes do movimento. Apesar de mostrar imagens dos supostos “cabeças” do “Passe Livre” em reuniões, - durante a matéria de mais de três minutos - as únicas referências feitas aos manifestantes se limitaram a imagens, em que a maior parte retratava o confronto com a polícia.

As primeiras reportagens produzidas pelo JN divulgaram as manifestações atreladas apenas ao aumento das passagens, que subiram no início de junho de 2013 para R\$ 3,20 em São Paulo. Poucos dias depois, os jornalistas começavam a divulgar que as reivindicações haviam se expandido, para temáticas como reforma política, Copa de 2014, educação, saúde, etc. Os protestos também ganharam espaço em outras cidades do país.

A maior parte das matérias exibidas pelo Jornal Nacional sobre os protestos hostilizava os manifestantes, muitas vezes atrelados aos atos de vandalismo, de forma generalizada. E foi justamente a cobertura “distorcida”, segundo os apoiadores dos protestos, que fez com que o repúdio a emissora entrasse como uma nova pauta no movimento que se chamou inicialmente de “Passe Livre”. Só após a edição do dia 17 de junho, objeto de pesquisa deste artigo, é que o discurso do JN muda diante do tratamento dado aos manifestantes.

A cobertura das manifestações que ocorriam no país foi tão intensa, que o JN disponibilizou em seu site, uma sessão especial com o nome “Protestos pelo Brasil”, trazendo os vídeos que fizeram parte da cobertura completa do noticiário.

3. As “palavras de protesto contra a rede globo” e o editorial do JN

Em artigo publicado no site Observatório da Imprensa³, Sylvia Moretzsohn escreveu: “tanto os jornais paulistas quanto *O Globo* e as redes de televisão carregavam nas tintas contra os atos de vandalismo praticados por uma minoria que sempre se infiltra em manifestações desse tipo”. O pensamento da jornalista reflete bem o motivo de sentimento de

³VER: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/muito_alem_dos_20_centavos

revolta que os manifestantes sentiram ao ouvir inúmeras vezes nos noticiários a palavra “vandalismo”, em especial no Jornal Nacional.

Durante a cobertura das manifestações no país, os noticiários em sua maioria hostilizavam os participantes em sua totalidade, devido às ações de vandalismo praticadas por uma minoria. Além disso, em seus discursos, repórteres e apresentadores deixavam claro que a violência se dava unilateralmente, e a polícia tentava apenas “manter a ordem”.

Esta situação causou revolta nos manifestantes, que mostraram sua indignação dificultando o trabalho dos repórteres de rua, levantando cartazes contra as emissoras e, principalmente, disseminando na internet a imparcialidade das empresas jornalísticas.

A revolta maior se deu contra a TV Globo, por ser uma empresa de maior força e disseminação da informação, além de já carregar em sua história situações claras de manipulação da informação⁴. O movimento de repúdio à TV Globo, diante das manifestações que ocorriam, começou nas redes sociais, principalmente no *Twitter*⁵ e no *Facebook*⁶. As *hashtags* #AGloboNãoMeRepresenta e #AbaixoARedeGlobo ficaram comuns nas *twittadas* de quem não concordava com a cobertura da emissora. O mesmo aconteceu no *facebook*, em que *fanpages* adjetivavam a Rede Globo como manipuladora.

Como ressalta Alex Primo (2013, p.17) “não se pode ignorar a força dos movimentos espontâneos em rede, cujos efeitos não eram possíveis em uma sociedade caracterizada pela mídia de massa”. Sendo assim, as manifestações contra a TV Globo indexadas através das taxonomias nas redes sociais migraram para o cotidiano, ocupando cartazes de manifestantes que iam às ruas contestar a cobertura da emissora. A atualização contínua das “postagens” nas redes sociais, como propõe Correia (2010), potencializa a circulação no ciberespaço, circulação esta que se transporta do campo virtual para o real.

A onda de revolta contra a emissora se espalhou também para outras empresas de comunicação, que tiveram carros queimados, repórteres impedidos de fazer a livre cobertura, prédios depredados, etc. Mas o foco das manifestações se voltou especificamente para a TV Globo, que ficou adjetivada de “manipuladora”. Nas ruas, cartazes com inúmeras mensagens “anti-globo” traziam um desafio ainda maior para os cinegrafistas, que além de se preocuparem com a troca de munições entre polícia e civis, deviam também evitar mostrar imagens abertas com mensagens denegrindo a emissora.

4 Para aprofundamentos, ver “A Síndrome da Antena Parabólica: Ética no Jornalismo Brasileiro”(Kucinsk, 1998)

5 VER: www.twitter.com

6 VER: www.facebook.com

A revolta com a cobertura que a Globo estava fazendo diante das manifestações tomou proporções cada vez maiores. Se para a imprensa a violência entre manifestantes e policiais dificultava o trabalho, a revolta do povo contra jornalistas praticamente os impediam de trabalhar. Fazer *links* “ao vivo” durante os protestos, no meio da multidão, era um ato de coragem. Muitos repórteres tentaram, mas tiveram que ser interrompidos pelos âncoras que, em sua maioria, teciam comentários de reprovação, quase sempre fazendo alusão à liberdade de imprensa.

Durante o Jornal Nacional a cobertura foi feita, na maior parte do tempo, longe da multidão, à bordo do GloboCop - helicóptero da emissora dedicado à grandes coberturas. Em terra, repórteres faziam passagens em locais distantes do aglomerado, e quando arriscavam em descer e ter contato com o povo, retiravam a canopla do microfone, evitando assim, mostrar o símbolo da emissora a que estavam a serviço.

4. Patrícia Poeta sai em defesa da Globo

O movimento “anti-globo” nas redes sociais e nas ruas tomou proporções cada vez maiores. “As palavras de ordem” - como foram adjetivados os gritos de repúdio dos manifestantes pelos funcionários da empresa - eram cada vez mais frequentes, e se disseminavam com tal força e rapidez que barreira alguma poderia impedir. Impossibilitada de “calar a boca” dos manifestantes, a estratégia da TV Globo foi colocar no principal telejornal do país, o JN, uma nota de esclarecimento que, em defesa dos interesses da empresa, tomou características de editorial. O texto, lido por Patrícia Poeta, durou pouco mais de 20 segundos e tentou esclarecer para a população que ali existia um “mal-entendido” por parte dos manifestantes, e que a Globo estava apenas “cumprindo seu papel”, o de informar.

Quem deu o “gancho” para que o editorial entrasse no ar, foi o repórter..... que durante uma tomada “ao vivo”,a bordo do “Globocop”, trouxe informações sobre as manifestações na cidade de São Paulo:

Repórter

“[...] Um outrogrupo que saiu do Largo da Batata, por volta das 5 horas da tarde, percorreu a Avenida Faria Lima,e nesse caminho eles seguiram até a Avenida Luiz Carlos

Berrini, que fica *muito perto* da TV Globo, e nesse caminho foram gritando *palavras de ordem contra a TV Globo*. Patrícia.”

Patrícia Poeta

“Olha, a TV Globo vem fazendo reportagens sobre as manifestações desde seu início e sem *nada* a esconder. Os *excessos da polícia*, as reivindicações do “Movimento Passe Livre”, o caráter *pacífico dos protestos* e quando houve depredações e destruição de ônibus. É nossa obrigação e dela nós *não* nos afastaremos. O direito de protestar e de se manifestar *pacificamente* é um direito dos cidadãos.”

Patrícia Poeta leu o editorial com ar de seriedade, e ao citar os diversos ângulos abordados no telejornal - “excessos da polícia, as reivindicações do “Movimento Passe Livre”, o caráter pacífico dos protestos e quando houve depredações e destruição de ônibus” - pontuou nos dedos a contagem dos temas, reforçando o sentido de “diversificação” trazida pelo JN.



Durante editorial em defesa da Globo, Patrícia Poeta pontua nos dedos os diversos ângulos abordados no telejornal durante a cobertura do “Movimento Passe Livre”

Ao usar a interjeição “*Olha*”, no início do editorial, a apresentadora tenta agir sobre o espectador, o convidando para a “conversa”, que – como mostra o seu linguajar – seria mais informal, por isto, ele poderia ficar à vontade para escutá-la.

Patrícia Poeta também se vale dos movimentos do corpo em outros momentos do editorial, com o objetivo de reiterar seu discurso. Ao falar do compromisso da emissora com a informação - “É nossa obrigação e dela nós *não* nos afastaremos” - a apresentadora gestua negativamente com a cabeça, ao mesmo tempo em que pronuncia enfaticamente a

palavra “não”, reafirmando que a TV Globo não deixará de informar os cidadãos, mesmo diante da pressão do público.

Mesmo que de forma sutil, a gesticulação da apresentadora atua em consonância com seu discurso, assegurando que o receptor entenda o que se quer dizer.

É esse corpo que se faz representar e que também representa, não apenas como interpretação pura, mas até mesmo como simulacro. A arma do apresentador é a encenação da naturalidade, a simulação do - falso - imprevisto: que o faz parecer surpreso, agir como se não soubesse o que vai acontecer, fingir que improvisa falas e parentar intimidade com seus convidados. (ROSÁRIO; AGUIAR, p. 3)

Além das estratégias corporais, o discurso de Patrícia Poeta também tenta reconstruir a postura da emissora diante da cobertura distorcida. A ênfase antes dada a palavras como “vandalismo” e “confronto”, agora dão destaque a palavra “pacífico”, e pela primeira vez, fala dos “excessos da polícia”. Logo no início do texto, a apresentadora informa que a Globo não tem “*nada* a esconder”, e reforça a informação ao dar destaque à palavra “nada”.

Outra estratégia de defesa da Globo usada no editorial do Jornal Nacional do dia 17 de junho diz respeito à ordem dada as informações. Patrícia Poeta ao citar os diversos ângulos trazidos no noticiário menciona em primeiro lugar os “*excessos da polícia*”, algo pouco divulgado em outras edições e que agora também ganha ênfase na fala da apresentadora. Só após essa informação, ela cita as reivindicações do movimento e o “*caráter pacífico dos protestos*”, que por sinal, foi usado de maneira exaustiva nesta edição, contradizendo o que se mostrava anteriormente no discurso do JN, ao atrelar os manifestantes aos atos de vandalismo, e em confronto com a polícia.

Só após pronunciar de maneira enfática “os excessos da polícia” e o “caráter pacífico dos protestos”, é que Patrícia afirma também ter noticiado no JN “quando houve depredações e destruição de ônibus”, porém, de maneira bem mais sutil, sem alterações na voz, e por isso, sem dar destaque a este fragmento de texto.

A apresentadora finaliza o editorial dizendo que “O direito de protestar e de se manifestar *pacificamente* é um direito dos cidadãos”, mostrando que a Globo reconhece os direitos dos manifestantes, e que em contrapartida, esses mesmos manifestantes devem

entender que a emissora também tem o direito de se manifestar livremente, porém, - mais uma vez – ambos os lados devem agir “pacificamente”.

A locução tem que emitir uma impressão compatível com os conteúdos do que está sendo dito. Nesse ponto, os personagens recorrem a recursos teatrais, máscaras, modos de ser empáticos com o outro que lhes vê e ouve. Para tanto, há o recurso do uso da voz, da impostação, da dicção, da entonação e das pausas conjugadas à mímica facial e gestual. (SÁ BARRETO, 2011, p. 246)

Após ler o editorial, Patrícia Poeta lê a “cabeça” de outra matéria sobre o movimento “Passe Livre” e mais uma vez traz o caráter pacífico do movimento. Porém, ao falar sobre a violência, destaca que esta ação diz respeito a um grupo específico de manifestantes, não generalizando os participantes dos protestos como em edições anteriores do JN.

Considerações finais

Verificamos durante a pesquisa que o noticiário se estrutura, em sua dinâmica discursiva, a partir de encadeamentos de dispositivos (FAUSTO NETO, 2012), sejam estes físicos (gestos, vestes, cores, expressões faciais, etc.) ou abstratos (o que se diz e como se diz).

As construções tecno-discursivas assumem um papel primordial na composição da linha editorial de um telejornal. E foi se valendo dessas construções que a TV Globo, através do JN, em especial na figura de Patrícia Poeta – enunciativa aqui pesquisada – criou estratégias de comunicação para mudar o *composer* de seu discurso que, antes da pressão popular, mostrava em sua cobertura noticiosa os vandalismos generalizados ligados ao Movimento “Passe Livre”.

Após uma onda de protestos surgida nas redes sociais, em especial no *Facebook* e *Twitter*, que migraram dessas taxonomias virtuais para o cotidiano, tornando-se conteúdos de diversos cartazes nas ruas, a TV Globo se viu obrigada a esclarecer para o público que sua cobertura estava pautada na parcialidade. A atitude da emissora gerou um editorial, lido por Patrícia Poeta, que se valeu do recurso da “atorização” e das estratégias

enunciativas para levar a mensagem até o local mais próximo possível do campo real, da não-ficção televisiva.

Resultando das pressões populares ou não, o fato é que o JN mudou seu discurso. Palavras como “vandalismo”, “baderna” e “confronto”, usadas com exaustão durante edições anteriores ao dia 17 de junho – dia em que o editorial foi ao ar -, foram substituídas por “protesto pacífico” e por frases tais como “um pequeno grupo agiu com brutalidade”. A disponibilização do discurso dos entrevistados também ajudou a emissora nas estratégias de conciliação com o público. No que se refere aos políticos, a voz também cambiante do governador de São Paulo, Geraldo Alckmin corroborou com o apagamento do discurso anterior. Este, após afirmar que os manifestantes iriam ressarcir o Estado e as empresas privadas devido às depredações - no JN do dia 12 de junho -, chegou a dar uma entrevista elogiando os manifestantes na edição do dia 17. Foi neste dia também, que foram divulgadas as primeiras entrevistas dos líderes do movimento. Antes, os manifestantes não tinham voz, e só eram retratados durante confrontos com a polícia.

Então, verificou-se, que na era da *cibercultura* o público que antes participava do processo comunicativo apenas como espectador, saiu da passividade e ganhou voz. A internet se consolidou como o principal filtro entre empresas e público, por isso não se pode menosprezar as opiniões advindas da rede, pois foi o movimento de insatisfação com a TV Globo que fez com que o mais importante telejornal do país mudasse seu discurso.

Referências Bibliográficas

BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

CORREIA, Ben-Hur. A circulação da informação jornalística no ciberespaço: conceitos e proposta de classificação de estruturas. In: SCHWINGLE, Carla; ZANOTTI, Carlos (Orgs.) **A. Produção e colaboração no Jornalismo Digital**. Florianópolis: Ed. Insular, 2010.

DUARTE, Elizabeth Bastos; CASTRO, Maria Lilia Dias de (Orgs.) **Comunicação Audiovisual: gêneros e formatos**. Porto Alegre: Sulina, 2007.



FAUSTO NETO, Antônio. Cap. XIII – Transformações nos discursos jornalísticos – a atorização do acontecimento. In: MOULLIAUD, Maurice. **O Jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012.

MORETZSOHN, Sylvia DEBOSSAN. Muito Além dos 20 centavos. In: Observatório da Imprensa. Disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/muito_alem_dos_20_centavos. Acesso em: 19 de junho de 2013.

FUTEMA, Fabiana. TV aberta exibiu 140 horas de protestos em dez dias. In : Blog Folha. Disponível em : <http://outrocanal.blogfolha.uol.com.br/2013/07/01/tv-aberta-exibiu-140-horas-de-protestos-em-dez-dias/> Acesso em: 25 de junho de 2013.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Televisão: A vida pelo vídeo**. São Paulo, Editora Moderna, 1988.

PRIMO, Alex (Org.) **Interações em rede**. Porto Alegre, Editora Sulina, 2013.

ROSÁRIO, Nísia Martins; AGUIAR, Lisiane Machado. Corpos televisivos: artifício e naturalidade na compensação de sentidos entre o masculino e o feminino. In: **Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**- Itercom, Rio de Janeiro, 2005.

SÁ BARRETO, Virgínia **A encenação no telejornalismo: Jornalista ou ator?** In: FAUSTO NETO, A. et. All. (Orgs.) **Interfaces Jornalísticas: Ambientes, tecnologias e linguagens**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011, p. 243-255.

SANTAELLA, Lúcia. **Corpo e comunicação: Sintoma de cultura**. São Paulo, Paulus, 2004.